

*O Estado de São Paulo*  
*Segunda-feira, 8 de julho de 2002*

## OPOSIÇÕES VITORIOSAS

### PT Com Programa Recauchutado Pode Ter Vitória De Pirro

*MARCELO DE PAIVA ABREU*

A eventualidade de uma vitória do Partido dos Trabalhadores na eleição presidencial suscita comparações com episódios semelhantes em outros países nos quais a oposição foi vitoriosa como coroamento de um longo processo de amadurecimento político. Talvez o exemplo mais interessante de chegada da esquerda ao poder, depois de longa espera, seja o do velho Labour Party britânico, comprometido com o socialismo ainda que em versão insular.

Antes de 1945, o trabalhismo havia estado por duas vezes no poder. Mas foram passagens meteóricas em 1923-24 e em 1929-1931, com bancadas minoritárias e dependendo do apoio liberal. Em 1924, o partido foi massacrado nas urnas, na esteira do escândalo relativo à espionagem soviética no Reino Unido. Em 1931, o partido cindiu-se tragicamente, com seu ex-líder Ramsay MacDonald por quatro anos à frente de um governo de coalizão entre o National Labour e os conservadores.

O partido foi resgatado do ostracismo pela guerra, o que o levou a partir de 1940 ao governo de coalizão e à acumulação de respeitável experiência administrativa até 1945. Seu apoio a Churchill, nos terríveis dias de maio de 1940, foi de crucial importância para viabilizar a vitória sobre os conservadores apaziguadores (appeasers), liderados por Halifax e Chamberlain, episódio magistralmente analisado por John Lukacs em *Cinco Dias em Londres* (Jorge Zahar, 2001).

O anseio por mudança em 1945 foi maior do que o crédito pela brilhante liderança político-militar de Churchill. Levou à surpreendente - e retumbante - vitória trabalhista. Pela primeira vez, o partido, com base em ampla maioria parlamentar, teve a oportunidade de implementar seu programa, resumido no famoso manifesto eleitoral *Let Us face the Future* (Enfrentemos o futuro). Nos anos que se seguiram, foi implementado amplo programa de "nacionalização", trazendo para o controle estatal o Banco da Inglaterra, as ferrovias, a indústria siderúrgica e as minas de carvão, e ampliando o limitado Welfare State preexistente, de acordo com as recomendações do relatório Beveridge. Mal ou bem, a estratégia trabalhista definiu o modelo econômico britânico pelas três décadas seguintes, só desmantelado sob o *thatcherismo*, quando se comprovava esgotado e terrivelmente ineficiente. Não é fácil demonstrar com base em exercício contrafactual que os interesses britânicos pudessem, naquele momento, ter sido mais bem atendidos por plataforma de cunho liberal. Mas, mesmo em 1945, era clara a preocupação com a compatibilização do pleno emprego sustentado com o controle da inflação e o aumento da eficiência produtiva. A austeridade macroeconômica era imposição necessária, dadas as debilidades do balanço de pagamentos que resultaram em sucessivas crises da libra esterlina em 1947 e 1949.

Inconvertibilidade seguida de desvalorização, combinada a políticas de juros baixos, permitiu a recuperação mesmo que em ritmo bem mais lento que no continente. No quadro da guerra fria havia espaço para o trabalhismo contrapor-se à URSS em nome da defesa da democracia e em estreita aliança com os EUA. A figura de Ernest Bevin, que combinava o anticomunismo com liderança sindical de grande expressão, é referência crucial no primeiro governo Attlee (1945-50). Sua contrapartida à esquerda, Aneurin Bevan, pai do novo Welfare

State, foco da ira conservadora, resultou ser marginal na história.

O PT disputa uma eleição em que a eventual vitória seria menos inesperada e menos retumbante do que a vitória trabalhista britânica de 1945. De qualquer forma, não teria maioria parlamentar, o que limitaria em muito sua capacidade de implementar mudanças mais controvertidas. Seus quadros estão longe de níveis de competência equivalentes aos adquiridos pelos trabalhistas no governo de coalizão. De qualquer forma o programa do PT é muito mais indefinido do que o manifesto trabalhista de 1945. Sob pressão torna-se, cada vez mais, um conjunto de promessas sobre o que não vai mudar e cada vez menos uma afirmação do que pretende um novo governo. O desejo de obter a vitória depois de três derrotas nacionais consecutivas tem levado os segmentos menos radicais do partido a abrandar os aspectos menos responsáveis do programa original de governo, especialmente no que diz respeito aos compromissos com a estabilidade de preços e os pagamentos dos serviços da dívida pública interna e externa. O corolário desta flexibilização meio açodada é a dificuldade de torná-la passível de apoio por parte de todas as correntes do partido e, conseqüentemente, menor credibilidade quanto à efetiva capacidade de implementação das políticas preconizadas. Para tomar de novo o exemplo britânico como referência, a radical reorientação da plataforma trabalhista sob Tony Blair requereu muito tempo para que fosse possível abrandar as tensões intrapartidárias, isolar a oposição à esquerda e reconciliar boa parte do partido com a significativa mudança de rumos.

Uma eventual vitória do PT com programa recauchutado à última hora poderia resultar no pior dos mundos: uma vitória de Pirro. De um lado, afastar-se-ia mais das expectativas de efetiva ruptura com o passado, tal como desejado por segmentos importantes do partido. De outro, poderia ser insuficientemente convincente para domar os temores do mercado.

---

Marcelo de Paiva Abreu é professor do Departamento de Economia da PUC-Rio